



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA

DANIELA DE SOUSA LEDA

RAIZES SERTANEJAS: a influência da agricultura e da pecuária na identidade
cultural do povoado Varjota

GRAJAÚ-MA
2026

DANIELA DE SOUSA LEDA

RAIZES SERTANEJAS: a influência da agricultura e da pecuária na identidade cultural do povoado Varjota

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia como requisito para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha

GRAJAÚ-MA
2026



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas

de Sousa Leda, Daniela.

Raizes sertanejas : a influência da agricultura e da
pecuária na identidade cultural do povoado Varjota /
Daniela de Sousa Leda. - 2026.

31 p.

Orientador(a): Rosimary Gomes Rocha.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade
Federal do Maranhão, Grajaú - Ma, 2026.

1. Identidade Cultural. 2. Agricultura. 3. Pecuária.
I. Gomes Rocha, Rosimary. II. Título.

DANIELA DE SOUSA LEDA

RAIZES SERTANEJAS: a influência da agricultura e da pecuária na identidade
cultural do povoado Varjota

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Interdisciplinar em
Ciências Humanas/Geografia como requisito
para obtenção do título de licenciada em
Geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosimary Gomes
Rocha

Aprovada em: 20/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profº. Drº. Luciano da Rocha Penha (examinador)
Universidade Federal do maranhão

Profa. Dra. Sandra Maria Alves Barros (examinadora)
Universidade Federal do maranhão



Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, que, conforme expresso em Salmos 46:1, é refúgio e fortaleza. Dedico-o, também, à minha eterna avó, Luiza Barrinha, que, antes de partir, torceu por mim no início da minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder forças para chegar até aqui. À minha orientadora, pela dedicação e pelas orientações fundamentais ao longo deste trabalho. Aos meus colegas, pela parceria e apoio constantes. Aos professores da UFMA, pela formação acadêmica proporcionada. Por fim, à minha família e ao meu noivo, pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

RAIZES SERTANEJAS: a influência da agricultura e da pecuária na identidade cultural do povoado Varjota

SERTANEJO ROOTS: the influence of agriculture and livestock farming on the cultural identity of the Varjota community

Daniela de Sousa Leda

Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA Centro de Ciências de Grajaú. E-mail: daniela.leda@discente.ufma.br

Rosimary Gomes Rocha

Professora Doutora do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas /Geografia pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA Centro de Ciências de Grajaú
E-mail: rosimary.rocha@ufma.br

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa a influência da agricultura e da pecuária na construção da identidade cultural dos moradores do povoado Varjota, localizado no município de Formosa da Serra Negra, no sul do Maranhão. Parte-se da compreensão de que essas atividades fazem parte do modo de vida sertanejo e estão diretamente ligadas aos costumes, às práticas e à organização social da comunidade. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, envolvendo levantamento bibliográfico e trabalho de campo, com a realização de entrevistas com moradores do povoado que trabalham ou trabalharam com a agricultura e a pecuária, além do uso de registros fotográficos. Os resultados mostram que a agricultura e a pecuária sempre estiveram presentes no cotidiano do povoado, sendo transmitidas de geração em geração e contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural local. Mesmo com as transformações sociais e econômicas ocorridas ao longo do tempo, essas práticas continuam sendo referências importantes para os moradores. Conclui-se que a agricultura e a pecuária exercem papel fundamental na formação e na manutenção da identidade cultural do povoado Varjota.

Palavras-chave: identidade cultural; agricultura; pecuária.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis analyzes the influence of agriculture and livestock farming on the construction of the cultural identity of the residents of the Varjota community, located in the municipality of Formosa da Serra Negra, in southern Maranhão, Brazil. The study is based on the understanding that these activities are part of the sertanejo way of life and are directly related to the customs, practices, and social organization of the community. The research adopted a qualitative approach, including bibliographic research and fieldwork, with interviews conducted with community residents who work or have worked in agriculture and livestock farming, as well

as the use of photographic records. The results show that agriculture and livestock farming have always been present in the daily life of the community, being passed down from generation to generation and contributing to the strengthening of local cultural identity. Even with the social and economic changes that have occurred over time, these practices continue to be important references for the residents. It is concluded that agriculture and livestock farming play a fundamental role in the formation and maintenance of the cultural identity of the Varjota community.

Keywords: cultural identity; agriculture; livestock farming.

INTRODUÇÃO

A escolha do presente tema se deu por se tratar de uma questão diretamente ligada à cultura e à identidade sertaneja. E, principalmente, por estar relacionado à minha própria vivência. Sou natural do povoado Varjota, pertencente ao município de Formosa da Serra Negra, e desde a infância convivo com práticas voltadas ao cultivo de roça e da criação de gado. E, foi observando esse dia a dia que percebi como essas atividades vão muito além do sustento: elas carregam a história, os costumes e a identidade do povo sertanejo.

Além disso, a pesquisa se fez relevante para compreender como essas práticas moldaram e continuam moldando a vida no povoado. A agricultura e a pecuária são atividades que resistiram ao tempo, mantendo-se vivas tanto por necessidade quanto por paixão. Elas influenciam diretamente a economia local, pois embora haja o crescimento de outros meios de subsistência, como o comércio e pequenos empreendimentos, a agricultura e a pecuária continuam sendo indispensáveis para o modo de vida da região. Este estudo também buscou dar visibilidade ao povoado Varjota e ao modo de viver dos sertanejos, valorizando os saberes tradicionais e evidenciando como a agropecuária segue sendo um pilar fundamental na construção e preservação da identidade cultural do sertão sul-maranhense.

A pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: como se tem construído a identidade cultural sertaneja dos sujeitos que vivem no povoado Varjota, localizado em Formosa da Serra Negra/MA? De que maneira as atividades relacionadas à agricultura e à pecuária contribuem para manter vivas as tradições sertanejas na localidade, mesmo em meio às transformações sociais e econômicas sofridas nos últimos tempos? Ao responder essas questões, o trabalho revela a rica história de Varjota e compreender como seus moradores organizam suas vidas, perpetuando práticas que, inicialmente, eram apenas meios de subsistência, mas que se transformaram em um modo de vida dos sujeitos que aí residem.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como a agricultura e a pecuária influenciaram e ainda influenciam as relações culturais e a identidade dos sujeitos no

povoado Varjota. Buscou, ainda, compreender como essas atividades rurais ajudam a preservar os costumes e as tradições dos moradores no que tange ao modo de vida sertanejo, especialmente, àqueles que vivem no campo.

Visando atingir o objetivo principal, alguns objetivos específicos foram requeridos: Investigar a origem e o desenvolvimento das práticas agropecuárias no povoado Varjota; Investigar de que forma a valorização do passado e das tradições agropecuárias contribuem para a preservação da memória e da identidade cultural dos sujeitos que residem no povoado Varjota; Analisar a influência da agricultura e do crescimento da pecuária na economia do povoado Varjota, considerando seu impacto na subsistência dos moradores.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise interpretativa dos dados, para compreender como a agricultura e a pecuária influenciam a construção e a preservação da identidade cultural dos moradores do povoado Varjota.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas principais: inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para embasar teoricamente o estudo, explorando as práticas agropecuárias e suas implicações culturais. Em seguida, foi conduzido um trabalho de campo, que incluiu entrevistas com moradores do povoado Varjota, como agricultores e pecuaristas, para captar suas experiências e vivências pessoais sobre como essas atividades moldam suas identidades culturais e sociais. Complementarmente, foram coletadas informações sobre o processo de ocupação do povoado, com foco na chegada e estabelecimento da agricultura de roça de toco e da pecuária, para compreender como essas práticas se consolidaram ao longo do tempo. Outros materiais foram inclusos como fotografias das paisagens locais, das pastagens, das plantações e dos pontos comerciais.

No que se refere à seleção dos entrevistados, optou-se por sujeitos que possuem trajetória significativa no processo de formação e desenvolvimento do povoado Varjota, considerando sua vivência direta com a agricultura e a pecuária, bem como sua relevância histórica e social para a comunidade. Foi entrevistado o senhor A.M.J.S, descendente dos primeiros moradores do povoado Varjota e residente na localidade há muitos anos. Sua escolha se justifica por sua ligação familiar com os pioneiros da comunidade e por sua contribuição na preservação da memória histórica do povoado. Também foi entrevistado o senhor M.J.S.L, morador do povoado que ao longo de sua vida, dedicou-se à agricultura, atividade que exerceu por muitos anos. Sua experiência permitiu compreender as práticas agrícolas tradicionais e as transformações ocorridas ao longo do tempo. Outro entrevistado foi o senhor P.J.A.L, pecuarista residente no povoado Varjota desde 2004, mas antes disso já morava em uma fazenda próxima ao povoado. Sua trajetória está diretamente ligada ao fortalecimento da pecuária local, tendo se destacado como um dos principais

criadores de gado da comunidade. Seu depoimento contribuiu para compreender o desenvolvimento econômico do povoado e as mudanças nas práticas pecuárias ao longo dos anos. Por fim, foi entrevistado P.H.L.A, que atua na pecuária no povoado Varjota, destacando-se pela adoção de técnicas mais modernas de manejo, como o uso de pasto irrigado.

A combinação dessas abordagens permitiu uma análise aprofundada das transformações sociais e culturais no povoado Varjota, destacando a relevância da agricultura e da pecuária para a constituição do modo de vida e das tradições dos moradores da região.

O trabalho está estruturado em cinco seções. A primeira corresponde à introdução, na qual são apresentados o tema, a justificativa, problematização, objetivos e a metodologia do trabalho. A segunda seção discute os fundamentos teóricos da Geografia Histórica e da geo-história, bem como a memória enquanto elemento fundamental para a compreensão do passado e do presente. A terceira seção aborda a formação histórica e geográfica do povoado Varjota, destacando o processo de ocupação territorial e a contribuição da agropecuária para a constituição da identidade local. A quarta seção analisa as permanências e rupturas no povoado Varjota, evidenciando as transformações e continuidades no modo de vida sertanejo. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais.

A GEOGRAFIA HISTÓRICA E A GEO-HISTÓRIA

A Geografia histórica se consolidou como uma área da Geografia preocupada em compreender os processos espaciais e temporais que moldam os territórios e as paisagens. Diferente de abordagens mais segmentadas, ela busca analisar o espaço considerando tanto as transformações sociais quanto os elementos físicos do ambiente. Nesse contexto, a geo-história surge como uma proposta interdisciplinar que aproxima Geografia e História, permitindo compreender o território não apenas como cenário, mas como resultado da interação entre sociedade, cultura e ambiente.

Nessa perspectiva, a geo-história passa a ser entendida como um campo capaz de superar a separação rígida entre espaço e tempo que marcou, a trajetória da Geografia e da História. Lima e Amora (2012, p. 55) explicam que essa divisão acabou limitando a compreensão da realidade, pois ao estudar o espaço sem o tempo ou o tempo sem o espaço, perde-se a totalidade dos processos que constituem o território. As autoras defendem que a análise geo-histórica possibilita recuperar essa unidade, articulando passado e presente na interpretação do espaço geográfico. Como afirmam, “esta forma de analisar separadamente a relação espaço-tempo [...] foi prejudicial ao entendimento das mediações e particularidades existentes para além da aparência do real” (Lima; Amora, 2012, p. 55). Nessa mesma linha, Novais (2002) *apud* Lourenço (2005, p. 27) reforça

que “a História muito tem a ganhar quando considera a natureza e as técnicas na perspectiva da Geografia. Na verdade, há muito vem fazendo isso, pois entende que seu objeto é o todo da experiência humana”.

Para tanto, compreender a relação entre espaço e tempo é essencial para analisar como os territórios se formam e se transformam. Após discutir a importância da geografia histórica e da geo-história, o próximo capítulo aborda de forma geral como esses conceitos surgiram, mostrando suas origens, seu significado e os elementos que definem essa abordagem.

As origens e a natureza do conceito de geo-história

A geo-história, como campo interdisciplinar, busca articular a ação histórica do homem com a relação que ele mantém com o espaço. A História se ocupa de explicar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, enquanto a Geografia analisa a interação entre o homem e o ambiente em que vive. Integrando essas perspectivas, a geo-história permite compreender os territórios considerando simultaneamente as dimensões temporais e espaciais.

Segundo Lima e Amora (2012, p. 55) a geo-história evita uma visão fragmentada entre Geografia e História, propondo uma apreensão dialética das categorias espaço-tempo. Philo (2003, p. 269-270) *apud* Lima; Amora (2012, p. 55) destaca que, diferente das geografias sistemáticas, a Geografia Histórica não possui um objeto definido, pois a História é heterogênea e pode ser estudada sob diferentes aspectos: econômico, social, político, entre outros. Já a Geografia busca compreender como essas transformações se expressam no espaço, revelando o território como resultado das relações entre sociedade e natureza. Moraes (2007) *apud* Lima; Amora (2012, p.55) reforça que a Geografia se concentrava no presente, enquanto a História focava no passado, mas a integração dos dois campos possibilita uma análise mais completa do território.

A expressão geo-história remonta ao século XIX, quando ainda era empregada pelos geólogos para se referir à história da Terra, mas de maneira imprecisa e desvinculada da presença humana. Como explica Secco (2008, p.5-6) *apud* Lima; Amora (2012, p.62-63), o conceito ganha um novo sentido apenas quando Braudel o reivindica em *La Méditerranée* (1949) e o desenvolve em uma resenha publicada na revista *Annales* em 1951, retirando-o posteriormente da segunda edição da obra. Segundo Contel (2010) *apud* Lima; Amora (2012, p. 63): O abandono da Geo-história, deu-se pela aproximação do termo com a geopolítica, que naquele contexto histórico (pós - Segunda Guerra Mundial), não era bem interpretada, devido suas aproximações com a política expansionista alemã. Já Lira (2008) *apud* Lima; Amora (2012, p. 63) destaca que a aproximação entre Braudel e a Geografia não se limitava ao termo, mas incluía influências diretas de Vidal de La Blache e Ratzel.

A evolução da geografia histórica, portanto, reflete diferentes maneiras de compreender essa integração entre espaço e tempo. Butlin (1987) *apud* Erthal (2003, p.31-35) propõe uma periodização em três fases: clássica, neoclássica e social. Na fase clássica, predominou uma abordagem positivista, voltada para o estudo do povoamento, das fronteiras e das paisagens regionais, com forte uso de cartografia. Nessa perspectiva, geógrafos como Hartshorne e Sauer nos Estados Unidos e H. C. Darby na Inglaterra destacaram-se ao analisar como os elementos históricos moldam o espaço. Na fase neoclássica, a geografia histórica incorporou ferramentas matemáticas, estatísticas e tecnológicas, como modelos de análise de regressão e o uso de computadores, que possibilitaram avaliar grandes volumes de dados e estudar padrões espaciais de forma mais precisa. Já na fase social, emergente a partir da década de 1970, a geografia histórica passou a dialogar com correntes críticas, principalmente a marxista, mas também com abordagens idealistas, estruturalistas e humanísticas. Essas perspectivas possibilitaram compreender o espaço não apenas como palco de acontecimentos, mas como produto das relações sociais e das intenções humanas.

A partir dessa compreensão, é possível aplicar a periodização proposta por Butlin (1987) *apud* Erthal (2003) à análise do povoado Varjota, compreendendo como o tempo e o espaço se articulam na construção de sua realidade geográfica e histórica. Na fase clássica, o olhar geográfico se volta para os elementos concretos da paisagem e para o processo de ocupação territorial. Assim, compreender o povoado Varjota a partir dessa perspectiva implica observar a formação do seu território, os modos de povoamento, a configuração das propriedades rurais, as rotas de deslocamento e o papel da natureza na fixação dos primeiros moradores. Nessa etapa, o espaço é visto como registro material da história: as casas, as estradas e as áreas de roçado são testemunhos das formas de vida que estruturaram o início da comunidade.

Na fase neoclássica, o foco se amplia para a análise de padrões espaciais e das transformações resultantes da modernização e das mudanças econômicas. No caso de Varjota, essa abordagem permite compreender as transformações nas práticas produtivas, especialmente na agropecuária e suas consequências na organização territorial e social. A incorporação de novas técnicas agrícolas, o aumento do acesso a políticas públicas e o surgimento de infraestruturas, como estradas e energia elétrica, configuram um novo momento histórico em que o espaço passa a refletir as dinâmicas de desenvolvimento e integração regional. Essa leitura evidencia como a paisagem do povoado se transforma em resposta a políticas econômicas mais amplas e à própria evolução das relações campo-cidade.

Já na fase social, a geografia histórica se aproxima das experiências e das memórias dos sujeitos, compreendendo o espaço como produto das relações sociais e simbólicas. No contexto

do povoado Varjota, essa perspectiva é essencial, pois permite entender como os moradores atribuem sentido ao lugar e como suas identidades culturais são moldadas pela relação com a terra e com o trabalho. O espaço deixa de ser apenas cenário e se torna expressão viva da história coletiva, marcada pela permanência de tradições e pelo surgimento de novas formas de sociabilidade. É nesse sentido que o estudo da geo-história e da geografia histórica contribui para revelar o entrelaçamento entre tempo e espaço no cotidiano do povoado, onde o passado ainda dialoga com o presente e ajuda a compreender o modo de vida sertanejo.

A memória enquanto elemento para compreensão do passado e do presente

“A memória traz à tona questões não resolvidas, sentimentos não apaziguados e provoca desconfiança quando a história mostra-se incapaz de responder aos conflitos existentes no presente” (Silva, 2015, p. 27). Essa perspectiva evidencia que a memória não deve ser compreendida apenas como recordação de fatos passados, mas como um processo dinâmico que articula o presente àquilo que foi vivido, sentido e transmitido pelas gerações. O estudo da memória é fundamental para analisar a relação entre passado e presente, pois ela revela elementos que a história escrita muitas vezes não registra: afetos, percepções, modos de vida, valores e representações sociais. Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 44) explica que a história escrita não dá conta de todo o passado, pois existe uma “história viva”, mantida pelas experiências e lembranças que continuam circulando no presente.

Compreender a memória como dimensão essencial da experiência humana implica, reconhecer que ela ultrapassa os limites formais da narrativa histórica, justamente porque não reproduz o passado de maneira fixa, mas o reconstrói a partir das necessidades e percepções do presente. Nessa perspectiva, Souza (2014, p. 106) afirma:

Pode-se pensar, então, que a memória atua como um gerenciador do passado, vez que não traz à mente do sujeito uma cópia fiel dos acontecimentos vivenciados, não encena exatamente o que o sujeito viveu. A memória recupera o passado, mas o adapta ao presente para fazê-lo atuar neste momento. Portanto, a alteração do passado é um atributo da memória que Pierre Nora definiu como “a economia geral e gestão do passado no presente.

Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, discute a relação entre memória individual e memória coletiva, para o autor, até mesmo nossas lembranças pessoais são atravessadas pelas experiências, valores e percepções do grupo ao qual pertencemos. Já, Pollak (1992, p. 204) afirma que: Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação

fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Para o autor, a memória funciona como um dos pilares dessa construção, pois garante a sensação de continuidade e coerência que permite ao sujeito reconhecer-se. Assim, como afirma o próprio Pollak (1992, p. 204) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”.

Silva (2016, p. 55) ao dialogar com Paul Ricoeur através da sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, destaca que a memória é sempre uma forma de presença do passado no agora. Ricoeur (2007, p. 27) *apud* Silva (2016, p. 55) afirma que o passado aparece como uma “representação presente de uma coisa ausente”. Partindo dessa ideia, Andrade (2008, p. 570) em seu estudo sobre lugar de memória explica que o passado pode renascer a partir das narrativas, dos cantos, das lembranças individuais e coletivas, envolvendo tanto elementos reais quanto imaginados, permitindo que o passado permaneça ativo no presente por meio das imagens, práticas e significados que as pessoas preservam. Nesse sentido a autora afirma que “Daí surgem os lugares de memória que são verdadeiros patrimônios culturais, projetados simbolicamente e podem estar atrelados a um passado vivo que ainda marca presença e reforça os traços identitários do lugar. (Andrade, 2008, p. 570)

É por meio da memória que os sujeitos carregam para hoje aquilo que viveram e aprenderam no ontem. Às tradições, os modos de vida, as histórias contadas e recontadas pela família, a cultura, são exemplos de como o passado continua vivo no presente. Mesmo com as mudanças do tempo, muitos hábitos, valores e práticas permanecem por que foram guardados na memória individual e coletiva. Nessa perspectiva, Silva (2016, p. 55) explica que a memória se distingue de outras formas de representação justamente por trazer a marca do passado, preservando rastros que permitem reconhecer aquilo que realmente foi vivido, mesmo quando elementos do presente se misturam às lembranças.

A discussão sobre a memória também envolve compreender o papel do esquecimento. Nem tudo o que vivemos permanece claro na lembrança, e isso não significa apenas perda, mas parte natural do funcionamento da memória. Como explica Silva (2016, p. 55-56)

O esquecimento é apresentado como o apagamento total dessas marcas, ou como um desajuste da imagem lembrada no presente com o fato gerador no passado. A memória define-se, num primeiro momento, como uma constante luta contra o desaparecimento, como uma obrigação de não obliterar. Porém, não dá para garantir uma memória que se lembra de tudo.

Ricoeur (2007) *apud* Silva (2016, p. 56) destaca justamente essa diferença, “há aquilo que esquecemos em definitivo com o apagamento das marcas do que se passou; e aquilo que

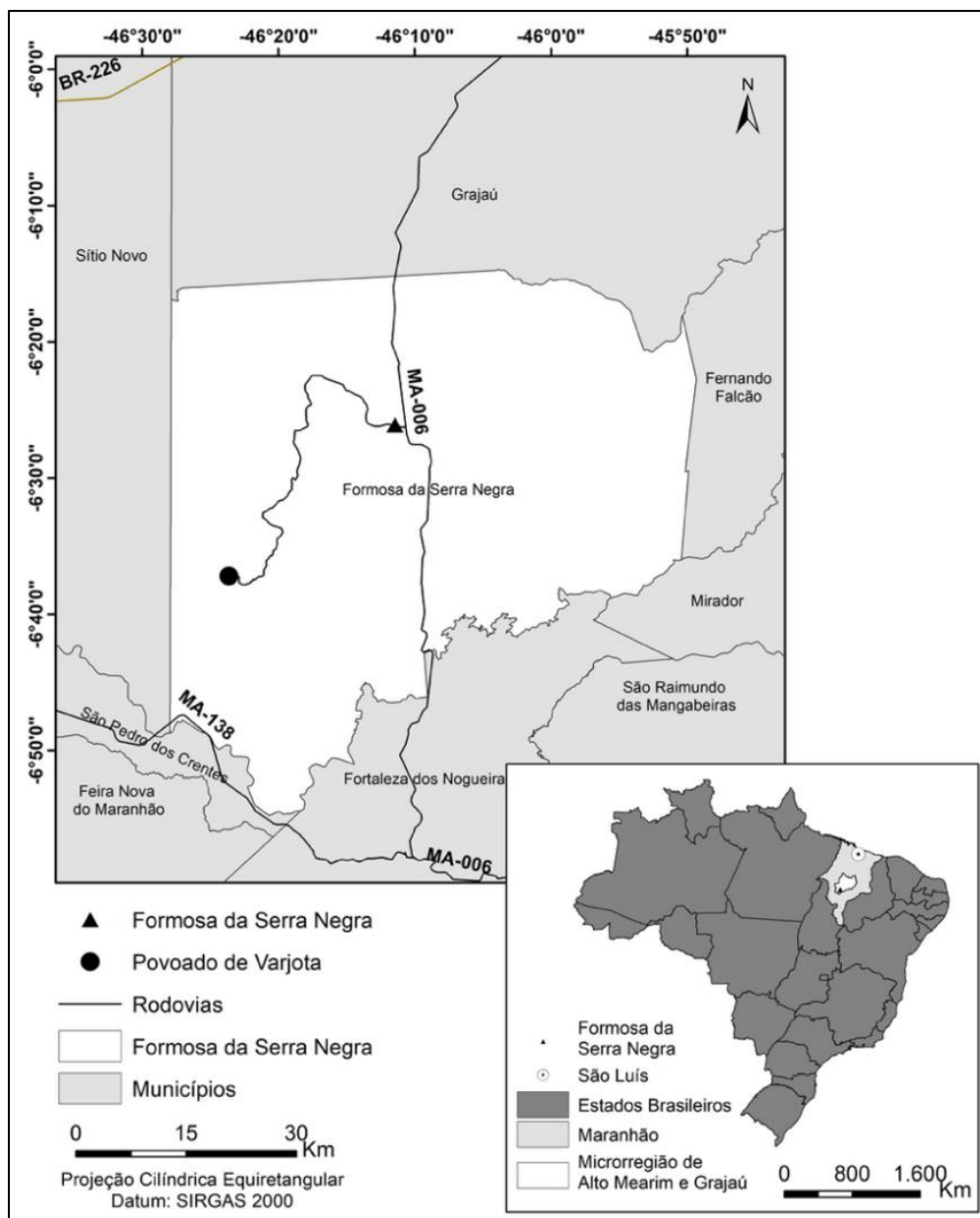
esquecemos provisoriamente, o que ainda pode ser recuperado do inconsciente no esforço de retomada do passado”.

Diante disso, é possível perceber que a memória não é apenas um depósito de lembranças, mas um processo vivo que acompanha as pessoas ao longo do tempo. Por essa razão, compreender a memória é fundamental para analisar realidades locais. Ela ajuda a explicar como costumes, saberes e modos de vida se mantêm vivos, atravessam gerações e moldam a identidade de uma comunidade. É com essa perspectiva que, no próximo capítulo, será possível compreender a formação histórica e geográfica do povoado Varjota e perceber como a memória coletiva influencia sua construção enquanto território e enquanto expressão do modo de vida sertanejo.

O POVOADO VARJOTA E SEUS COMPONENTES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

O povoado Varjota está localizado no extremo oeste do município de Formosa da Serra Negra, distando aproximadamente 53 km da sede municipal. Em termos de proximidade territorial, Varjota encontra-se mais próxima do município de São Pedro dos Crentes, situado a cerca de 42 km e próximo a divisa com o município de Sítio Novo. O acesso ao povoado se dá por uma estrada sem pavimentação, utilizada diariamente pelos moradores. A figura 1 mostra o mapa de localização do povoado Varjota.

Figura 1 : Localização do povoado Varjota/MA



Fonte – Ramos, 2022.

Durante praticamente todo o percurso entre Formosa da Serra Negra e Varjota, destaca-se a presença marcante da Serra Negra, que compõe a paisagem e dá identidade ao território (Figura 3). Também é possível observar uma paisagem marcada por pastagens, criação de gado (Figura 4), casas às margens da estrada, além de rios e córregos que compõem a dinâmica natural da região (Figura 2).

Figura 2 – Rio Grajauzinho nas proximidades do povoado Varjota/MA



Fonte: Leda, 2026.

Figura 3 – Serra localizada no percurso entre Formosa e Varjota



Fonte: Leda, 2026.

Figura 4 – Pastagem às margens da estrada de acesso ao povoado Varjota/MA



Fonte: Leda, 2026.

O processo histórico que envolve Varjota está diretamente ligado à formação territorial de Formosa da Serra Negra. Antes de sua emancipação, ocorrida em 1994, Formosa constituía parte do município de Grajaú, e, nesse período, o território onde hoje se encontra Varjota também

pertencia ao território grajauense. Somente após o desmembramento é que Formosa da Serra Negra se tornou município, e Varjota passou oficialmente a ser um de seus povoados.

A ocupação do município de Formosa da Serra Negra e mais à frente do povoado Varjota, está inserida no contexto mais amplo da ocupação do sul do Maranhão, região conhecida como sertão de Pastos Bons, cuja divisão e posterior povoamento ocorreram ao longo dos anos. Esse processo será detalhado no subcapítulo seguinte, onde será aprofundada a formação territorial do povoado.

Os moradores de Varjota e das comunidades próximas vivem, em sua maioria, da agricultura, da pecuária e também de pequenos empreendimentos, que garantem o sustento local e reforçam a identidade econômica e cultural do povoado. Essas práticas, além de essenciais para a sobrevivência das famílias, ajudam a manter tradições e modos de vida que atravessam gerações, compondo o cenário social e cultural da região.

A formação territorial do povoado Varjota

A ocupação territorial do sertão sul maranhense se deu a partir da região conhecida como Pastos Bons, que foi sendo ocupada através de uma frente pastoril no início do século XIX. O avanço da pecuária e a abertura de novas rotas comerciais deram origem a vilas como Riachão, Grajaú, Barra do Corda e outras, reorganizando o espaço regional (Cabral, 1992, p. 107-119).

As primeiras vilas surgiram como pontos de apoio da pecuária. Em 1835 foi criada a vila de Grajaú, que, assim como as demais, funcionava como ponto estratégico para o trânsito de gado, servindo como local de descanso, de comércio e de organização da produção e da circulação de mercadorias. Em 07 de abril de 1881, Grajaú foi elevada à categoria de cidade. Entende-se que a ocupação territorial de Formosa da Serra Negra e, posteriormente, do povoado Varjota se relaciona diretamente a esse processo histórico, já que antes de sua emancipação a cidade pertencia a Grajaú. Aspectos estes já descritos por Cabral (1992) na obra denominada “Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão”.

A partir desse contexto mais amplo, a formação do povoado Varjota se inicia ao longo do século XIX, quando a área onde hoje está localizado o povoado existia como uma única fazenda. Nela residiam o senhor Malaquias Miranda e a senhora Albertina, conhecida como Bertulina. Essas figuras são lembradas principalmente pelos moradores mais antigos da comunidade. O casal criou Maximino da Silva Ramos, nascido em 1895, e, após o falecimento da irmã de Bertulina, também criaram seu filho, o senhor José Francisco Martins Jorge, conhecido como Zé Canuto, nascido em 1911. Ambos tiveram papel fundamental na continuidade do povoamento da região.

Com base nos relatos dos moradores, acredita-se que Malaquias Miranda faleceu em 1923 e Bertulina em 1948. Após sua morte, as terras da antiga fazenda foram divididas: Zé Canuto adquiriu uma parte, Maximino adquiriu outra, e uma terceira parcela ficou com a irmã de Bertulina. Somadas, as áreas de Zé Canuto e Maximino, mais a parte que ficou com a irmã de Bertulina, totalizavam mais de 800 hectares. A parte herdada pela irmã de Bertulina foi vendida posteriormente para um morador conhecido como Lião, que mais tarde vendeu essas terras para Sabino Leda, nascido em 30 de dezembro de 1930 e falecido em 2005. Descendentes de Sabino Leda, filhos, sobrinhos e netos ainda vivem em Varjota e seguem contribuindo para o crescimento do povoado.

Pela linhagem de Zé Canuto, registra-se seu casamento com Arcangela Martins Jorge, com quem teve uma filha, Luiza Jorge de Sousa, nascida em 16 de julho de 1939 e falecida em 2022. Luiza teve dez filhos, dos quais sete continuam residindo no povoado. Além disso, Zé Canuto teve outra filha fora do casamento com Arcangela: Raimunda. Maximino, por sua vez, casou-se com Lorença e teve também dez filhos, todos já falecidos, mas que deixaram descendentes que seguem contribuindo para a formação e continuidade da comunidade.

O senhor Zé Canuto foi um dos responsáveis por dinamizar a vida social e econômica da comunidade, sendo ele quem deu início às feiras livres que aconteciam no povoado. As feiras começaram por volta de 1970 e atraíam pessoas de diversas localidades vizinhas. Nelas eram comercializados produtos como coco, algodão, arroz, caça, couro entre outros produtos. Os produtos eram transportados em animais, utilizando cargas de jacá, cargas de coco, e sacos, pois não havia motos nem carros; o cavalo era o único meio de transporte da época.

Em 1993, o povoado Varjota recebeu um poço cacimbão, obra realizada pela prefeita Lenilce Maria Sá de Arruda, quando Formosa da Serra Negra ainda era território de Grajaú. Ainda em sua gestão, foram construídas a ponte sobre o rio Grajaúzinho, que facilitou o acesso ao povoado, e a escola João Castelo, que marcou um importante avanço na infraestrutura local.

Com a emancipação de Formosa da Serra Negra, o primeiro prefeito foi Juscelino Martins de Oliveira, que durante sua gestão, o povoado recebeu uma usina de arroz, o que representou um avanço significativo para a comunidade, já que antes o processamento do arroz era feito manualmente, no pilão. Além disso, o prefeito destinou um trator para uso da população.

Anos depois, na gestão do prefeito Cláudio Vale, ocorreu uma das mudanças mais significativas do povoado Varjota, a chegada da energia elétrica, em 2006. A instalação da rede de energia atraiu novos moradores, especialmente famílias que residiam em fazendas próximas e passaram a construir suas casas dentro do povoado, contribuindo para sua expansão.

Em 2004, o senhor P.J.A.L, genro de Sabino Leda, chegou ao povoado, e em 2006 instalou uma mercearia, o que impulsionou ainda mais o comércio local.

Com base em uma contagem local, realizada em dezembro de 2025, estima-se que Varjota possua aproximadamente 500 habitantes. Atualmente, o povoado Varjota apresenta uma estrutura consideravelmente desenvolvida. Conta com escola, posto de saúde, posto de gasolina, duas farmácias, duas mercearias, uma açaiteria, duas pizzarias, três oficinas de motos, duas lojas de produtos agropecuários, duas lojas de roupas, uma loja de celulares e variedades, uma loja de materiais de construção, dois salões de cabeleireiro, uma barbearia, uma distribuidora de bebidas, açougue, frutaria, quadra poliesportiva, uma academia, uma igreja evangélica, uma igreja católica e dois lava-jatos.

Figura 5 - Escola municipal do povoado Varjota



Fonte: Leda, 2026.

Figura 6 – Posto de saúde do povoado Varjota



Fonte: Leda, 2026.

Figura 7 – Loja de materiais de construção



Fonte: Leda, 2026.

Figura 8 – Loja de produtos agropecuários



Fonte: Leda, 2026.

Figura 9 – Primeiro comércio do povoado Variota



Fonte: Leda, 2026.

Figura 10 - Açaiteria e farmácia do povoado Varjota



Fonte: Leda, 2026

Figura 11 – Barbearia do povoado Varjota

Fonte: Leda, 2026.

Figura 12 – Oficina de motos

Fonte: Leda, 2026.

Essas estruturas refletem o crescimento contínuo do povoado e sua importância dentro do município de Formosa da Serra Negra.

As contribuições da agropecuária para a constituição da cultura e da identidade local

Desde os primeiros momentos da ocupação do povoado Varjota, a agricultura e a pecuária estiveram presentes como forma de subsistência das famílias. O trabalho com a terra, o cultivo das lavouras e a criação de gado sempre acompanharam o cotidiano dos moradores, fazendo parte da vida das famílias do povoado. Com o passar do tempo, essas práticas foram sendo transmitidas de pai para filho. Os filhos cresciam ajudando os pais na roça, aprendendo desde cedo a plantar, colher e cuidar da criação (Gado, porco, bode e galinha) e assim davam continuidade a esse modo de vida.

Plantar em Varjota não representa apenas uma forma de garantir o sustento, mas também uma tradição construída ao longo do tempo. Trata-se de uma prática antiga, trazida de gerações passadas, que aos poucos foi se tornando cultura e ajudando a formar a identidade do povoado. Boa parte dos moradores iniciou sua vida trabalhando como agricultor, lidando diretamente com a roça desde cedo, e, com o passar do tempo, muitos foram ampliando suas atividades e se tornando grandes fazendeiros. Atualmente, boa parte da população vive principalmente da pecuária, mas traz consigo uma trajetória marcada pela agricultura, que permanece presente tanto na memória quanto na prática de muitos moradores, além daqueles que ainda hoje se dedicam exclusivamente ao cultivo da terra. Desse modo, compreender a contribuição dessas atividades para a identidade local

implica ouvir aqueles que vivenciaram diretamente esse processo, cujas memórias revelam como a agricultura e a pecuária se entrelaçam à história e à cultura da comunidade.

Nesse contexto, o relato de M.J.S.L, nascido em 1960, morador do povoado Varjota, revela como a agricultura e a pecuária sempre estiveram presentes em sua vida e na vida de muitas famílias de Varjota. Ele conta que, desde menino, mexia com a roça, plantava arroz, milho, feijão, mandioca e algodão, tudo feito de forma manual. O plantio era realizado com o uso da enxada e do chachu, uma ferramenta parecida com facão ou catana, muito usada naquele tempo. Segundo ele, o preparo da terra começava com a broca do mato fino, feita no facão. Depois vinha a derrubada dos paus mais grossos, realizada com machado. Em seguida, o mato era queimado e feita a coivara, quando se juntavam os galhos e restos de madeira para limpar o terreno. A madeira mais grossa era aproveitada para fazer as cercas. Todo o preparo da roça durava mais dias, pois exigia força braçal e não tinha máquinas agrícolas naquela período. as famílias trocavam dias de serviço. Um ajudava o outro, e assim o trabalho rendia mais. Nessa época, o trabalho na roça não era apenas para os homens, as mulheres e os filhos também participavam do plantio.

M.J.S.L conta ainda que, antes mesmo de se casar, já tinha sua própria roça, que era o seu principal meio de sobrevivência naquele período. Para ele, a agricultura sempre foi muito importante no povoado, pois garantia o sustento das famílias. O que se plantava servia tanto para o consumo da família quanto para a venda. Produtos como a fava e o algodão eram comercializados, o arroz, depois de colhido, era pilado no pilão e levado já pilado para ser vendido em balsas MA.

Figura 13 – Plantação de macaxeira no povoado Varjota/MA



Fonte: Leda, 2025.

Figura 14 – Plantação de arroz no povoado Varjota



Fonte: Leda, 2025.

Figura 15 – Plantação de feijão



Fonte: Leda, 2026.

Figura 16 – Plantação de milho



Fonte: Leda, 2026.

Sobre a pecuária, M.J.S.L conta que o gado era criado solto no mato e em pequena quantidade, pois poucas pessoas tinham condições de criar gado. Mesmo assim, a pecuária, junto com a agricultura, era um dos principais meios de sobrevivência. Muitos trabalhavam como

vaqueiros nas fazendas de terceiros. Naquele tempo, a única forma de conseguir gado era vaqueirando. Passava-se cerca de um ano na juquirá para ganhar uma cabeça de gado, já que a diária era muito barata. Ele recorda que seu pai conseguiu tudo o que tinha trabalhando como vaqueiro e agricultor, sustentando a família com o que plantava e com o que ganhava de seu trabalho como vaqueiro. Quando precisava comprar roupa ou calçado, tirava um bezerro para vender. Para ele, a agricultura e a pecuária sempre fizeram parte da cultura do povoado Varjota.

Nesse mesmo sentido, o relato de P.J.A.L, reforça a centralidade da pecuária como prática econômica e como herança familiar no povoado Varjota. Embora resida oficialmente no povoado Varjota desde 2004, sua trajetória na criação de gado começou muito antes disso. Desde jovem, ele já trabalhava com a pecuária, ajudando seu pai. Em um determinado momento de sua trajetória, P.J.A.L deixou a região e foi trabalhar no garimpo, onde conseguiu reunir recursos financeiros. Após esse período, retornou à região, adquiriu uma propriedade rural e investiu na compra de gado, iniciando de forma mais estruturada sua atividade como pecuarista. Com o passar do tempo, vendeu essa primeira terra e adquiriu outra, localizada mais próxima ao povoado Varjota. Foi residindo nessa fazenda próxima ao povoado que ampliou significativamente sua criação, tornando-se em meados dos anos 2000, um dos maiores boiadeiros da região com forte atuação no povoado Varjota e na zona leste do município de Formosa da Serra Negra.

Segundo seu relato, era comum conduzir cerca de duzentos bezerros em tropas até Formosa, subindo a serra negra, para comercializá-las com compradores vindo de Pernambuco. Após a venda do gado retornava ainda na madrugada.

Foi também por meio da pecuária que P.J.A.L conseguiu diversificar suas atividades econômicas, tornando-se o primeiro morador a instalar uma mercearia no povoado Varjota em 2006. Para P.J.A.L a criação de gado sempre constituiu sua principal fonte de renda durante muitos anos, para ele a pecuária sempre foi importante no povoado Varjota.

PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NO POVOADO VARJOTA

Após compreender o processo de formação histórica e territorial do povoado Varjota, bem como a importância da agricultura e da pecuária na constituição da identidade local, faz-se necessário analisar como essas práticas e relações sociais se mantiveram ao longo do tempo e, ao mesmo tempo, como foram se transformando. O povoado Varjota, passou por mudanças significativas nas últimas décadas. A chegada da energia elétrica, a ampliação do comércio, a introdução de novas tecnologias no campo alterou o modo de vida dos moradores e a organização do espaço. No entanto, mesmo diante dessas transformações, muitas práticas, valores e costumes

ligados à agricultura e à pecuária permanecem vivos, sustentados pela memória coletiva e pela transmissão de saberes entre gerações.

Nesse sentido, buscou-se analisar as permanências, entendidas como aquelas práticas, relações e modos de vida que resistiram ao tempo e continuam fazendo parte do cotidiano do povoado, e as rupturas, que dizem respeito às mudanças ocorridas nas formas de produção, nas relações sociais e na dinâmica econômica local. A partir dos relatos dos moradores e da observação do cotidiano do povoado, procura-se compreender como tradição e mudança convivem em Varjota, revelando um território marcado tanto pela continuidade do modo de vida sertanejo quanto pela adaptação às novas realidades sociais e econômicas.

Apesar das transformações ocorridas nas últimas décadas, o povoado Varjota preserva antigas relações econômicas e sociais que continuam estruturando o cotidiano da comunidade. Entre as permanências mais evidentes destaca-se a pecuária, atividade que sempre esteve presente no povoado Varjota e que, ao longo do tempo, passou por um processo de intensificação e crescimento. A comercialização do gado continua sendo uma prática recorrente, assim como ocorria no passado, embora atualmente se realize em uma escala maior e com novas formas de inserção no mercado. Hoje, o povoado conta com grandes pecuaristas que, além de negociarem o gado entre si, participam de leilões de gado em municípios da região, como em Estreito-MA. O fortalecimento da pecuária também se expressa na trajetória de muitos moradores que iniciaram suas vidas no povoado como vaqueiros e, com o passar do tempo, tornaram-se pecuaristas. Isso mostra a valorização do trabalho com o gado e a possibilidade de ascensão econômica a partir dessa prática.

A valorização dessa atividade também se manifesta no campo simbólico e cultural. A realização da primeira Festa do Vaqueiro, prevista para junho de 2026, representará um marco importante para o povoado, ao reconhecer e valorizar a pecuária e o vaqueiro como elementos centrais da identidade sertaneja de Varjota. Esse evento evidenciará que a pecuária ultrapassa a dimensão econômica, assumindo um papel cultural e identitário que reforça o sentimento de pertencimento da comunidade. Outra permanência significativa no povoado Varjota refere-se à agricultura, que continua presente no cotidiano de muitas famílias, ainda que com novas dinâmicas. Mesmo com a redução do número de pessoas que se dedicam exclusivamente ao plantio, a agricultura segue sendo uma prática fundamental para a economia do povoado. Muitas famílias ainda plantam, tanto para o consumo da família, quanto para a venda, como fonte de renda complementar. Muitas famílias continuam cultivando produtos como milho, feijão, melancia, abóbora, macaxeira e outros, reafirmando a importância do trabalho com a terra no modo de vida

local. Muitas pessoas adquirem esses produtos como forma de apoiar o pequeno agricultor, reforçando vínculos de amizade.

O extrativismo do coco babaçu também permanece como uma prática econômica importante, embora atualmente envolva um número menor de pessoas. No passado, o babaçu representou uma das principais fontes de renda do povoado, sobretudo para as mulheres, que passavam longas horas quebrando coco para a venda do bago e para a produção do azeite. Ainda hoje, mesmo em menor escala, muitas mulheres continuam exercendo essa atividade, comercializando o coco e seus derivados no próprio povoado.

Dessa forma, as permanências observadas no povoado Varjota demonstram que antigas relações econômicas e sociais continuam vivas, ainda que adaptadas às novas realidades.

Um novo tempo: o que mudou

Com o passar do tempo, os espaços se transformam, algumas práticas se perdem e outras se ressignificam. No entanto, mesmo diante das mudanças, o povoado Varjota demonstra forte valorização da cultura iniciada por seus primeiros moradores, buscando manter vivos os saberes e as práticas que marcaram sua formação histórica e social. No que se refere à agricultura, as transformações são evidentes, especialmente na forma de preparo da terra e no ritmo do trabalho. Conforme relatado por M.J.S.L., no passado o plantio exigia grande esforço físico, sendo comum a broca da roça realizada manualmente com o facão, seguida da derrubada e da queima do mato. Atualmente, segundo o morador, o trabalho agrícola tornou-se mais fácil em função do uso de máquinas, que realizam atividades que antes demandavam vários dias de trabalho braçal. Apesar dessas facilidades, M.J.S.L. observa que a agricultura diminuiu consideravelmente no povoado, pois hoje se planta menos e o pequeno lavrador trabalha em menor escala.

Em relação à pecuária, as mudanças também são significativas. De acordo com M.J.S.L., antigamente o gado era criado solto nas chapadas, em meio ao mato, e poucas pessoas tinham condições de criar gado, devido às dificuldades econômicas. O relato de P.J.A.L. reforçam essas transformações. Segundo ele, no passado os pastos eram formados a partir da vegetação nativa, e a limpeza do pasto era realizada de forma manual, com o uso da foice, exigindo grande esforço físico e tempo de trabalho.

Hoje, o manejo da pecuária conta com maquinário moderno, pastagens melhoradas, suplementação mineral e técnicas mais eficientes de produção. A criação de gado, que antes exigia grandes extensões de terra, passou a ocorrer também em áreas menores. Um exemplo disso é a experiência de P.H.L.A., filho de P.J.A.L., que cria aproximadamente 25 cabeças de gado em uma

área de seis hectares, com pasto irrigado e dividido em dez piquetes, tendo já alcançado a criação de até 40 animais, e com adubação trimestral dar pra chegar até 50 cabeças de gado.

A forma de comercialização do gado também passou por mudanças. P.J.A.L. relata que, no passado, a venda ocorria de maneira direta e concentrada, com a comercialização de grandes quantidades de gado, chegando a 200 ou 300 cabeças por vez, e o pagamento era feito integralmente em dinheiro, entregue em mãos, sem o uso de contas bancárias. Embora ele considere que hoje seja mais fácil viver da pecuária, destaca que os custos para manter o gado aumentaram significativamente. Além disso, práticas antigas, como trabalhar como vaqueiro para receber gado, praticamente desapareceram, sendo substituídas pelo trabalho assalariado.

As transformações também se refletem nas relações sociais do povoado. M.J.S.L. observa que, no passado, as pessoas conviviam mais, visitavam parentes e amigos com frequência e passavam longos períodos juntas, o que fortalecia os vínculos comunitários. M.J.S.L. relata que, embora naquela época o trabalho fosse intenso, a vida era mais sossegada do que nos dias atuais. As preocupações eram menores, e as pessoas viviam de forma mais tranquila.

Figura 17 – Pastagem irrigada por sistema de aspersor no povoado Varjota/MA



Fonte: Leda, 2026.

Atualmente, o povoado conta com diversos estabelecimentos comerciais e pontos de venda, ampliando as opções de consumo e geração de renda. Nesse contexto, práticas tradicionais como as feiras livres, que por muito tempo foram fundamentais para a comercialização de produtos, deixaram de acontecer, uma vez que o fortalecimento do comércio local passou a suprir as necessidades de compra e venda da população, reduzindo a necessidade de deslocamento para outros espaços. Embora muitas famílias ainda mantenham o cultivo da terra, a economia local já não gira exclusivamente em torno da agricultura, passando a ser fortemente impulsionada pela pecuária, pelo comércio, e pelos cargos públicos, especialmente nas áreas da educação e da saúde, como escolas e posto de saúde. Essas transformações revelam um povoado em constante adaptação, no qual tradição e modernidade convivem, redefinindo o modo de vida sertanejo sem romper completamente com suas raízes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar de que maneira a agricultura e a pecuária influenciaram e ainda influenciam a construção da identidade cultural dos sujeitos que vivem no povoado Varjota, localizado no município de Formosa da Serra Negra-MA. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foi possível compreender que essas atividades vão muito além de práticas econômicas, constituindo-se como elementos centrais do modo de vida sertanejo e da história local.

A formação territorial do povoado Varjota está diretamente ligada ao processo de ocupação do sertão sul-maranhense, marcado pela expansão da pecuária. Os relatos dos moradores evidenciaram que a agricultura e a pecuária sempre estiveram presentes no cotidiano da comunidade, sendo transmitidas de geração em geração. O trabalho na roça e a criação de gado, constituem saberes e práticas que ajudaram a fortalecer o sentimento de pertencimento ao lugar. Assim, a memória coletiva mostrou-se fundamental para compreender como essas atividades se transformaram em referências identitárias do povoado.

Ao analisar as permanências e rupturas, observou-se que, a pecuária permanece como principal atividade econômica do povoado, enquanto a agricultura, embora praticada em menor escala, segue como elemento simbólico e cultural importante, especialmente na memória dos moradores. As mudanças nas relações sociais e econômicas não significaram o rompimento com as raízes sertanejas. Pelo contrário, tradição e modernidade convivem no cotidiano do povoado Varjota.

Dessa forma, conclui-se que a agricultura e a pecuária exercem um papel fundamental na constituição da identidade cultural do povoado Varjota, sendo elementos que articulam passado e presente, memória e território.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória.... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. **PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, La Guna, v. 6, n. 3, p. 569–590, 2008. Disponível em: https://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf. Acesso em: 24 de nov. 2025.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão**/Maria do Socorro Coelho Cabral; prefácio de Manuel Correia de Andrade. — São Luís: SIOGE, 1992.
- ERTHAL, Rui. Geografia histórica - considerações. **GEOgraphia**. Universidade Federal Fluminense, n. 9, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LIMA, Átila de Menezes; AMORA, Zenilde Baima. Debates acerca da geografia histórica e da geo-história: elementos para a análise espaço-temporal. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, v. 2, n. 2, p. 51–72, 2012.
- LOURENÇO, L.A.B. **Geografia Histórica: considerações teórico-metodológicas**. In: *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 27-40. ISBN 978-85-7078-516-9. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3hwrh/pdf/lourenco-9788570785169-03.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2025.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 2 de dez. 2025.
- RAMOS, Diana Arruda. **Agricultura camponesa e desenvolvimento rural no povoado Varjota, município de Formosa da Serra Negra–Maranhão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, Araguaína, 2022.
- SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. **A experiência cotidiana do lugar: relatos de espaço dos velhos moradores da cidade patrimônio**. 2016. 350 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Goiânia, 2016.
- SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. **Geograficidade**, Niterói, RJ: UFF, Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, v. 5, n. 2, p. 26-37, inverno 2015.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa: UFPB/PPGL, v. 16, n. 1, 2014.

Apêndice A - Roteiro de entrevistas com moradores do povoado Varjota

Bloco temático	Objetivo	Perguntas
Identificação do entrevistado	Caracterizar o perfil social do entrevistado	Qual seu nome completo? Quantos anos você tem? Há quanto tempo reside no povoado Varjota? Qual atividade você exerceu ou exerce ao longo da vida?
Origem do povoado Varjota	Compreender a formação territorial do povoado Varjota	Quais foram os primeiros habitantes do povoado? De quem eram as terras? Quando esses moradores morreram? Qual foi a primeira obra pública que o povoado recebeu? Como funcionava o comércio? O que era vendido nas feiras? Vinhão pessoas de fora comprar na feira? Qual era a forma de subsistência das famílias?
Vivência com a agricultura	Compreender a relação do entrevistado com a agricultura	Desde quando você trabalha ou trabalhou com agricultura? Como era realizado o plantio? Com quem você aprendeu a plantar? O que os agricultores mais plantavam? A agricultura ainda é praticada da mesma forma que antes? Hoje em dia as pessoas plantam mais ou menos que antigamente?
Vivência com a pecuária	Compreender a relação do entrevistado com a pecuária	Há quanto tempo trabalha com a pecuária? Aprendeu a criar gado com quem? Desde quando a pecuária faz parte da sua vida? Hoje a pecuária é sua principal fonte de renda? Antigamente era comum trabalhar como vaqueiro para ganhar gado. Isso

		ainda acontece hoje? O custo para criar o gado aumentou com o tempo?
Cultura e identidade	Analizar a agricultura e a pecuária como parte da cultura e identidade do povoado	Na sua opinião a agricultura e a pecuária fazem parte da cultura do povoado Varjota? Porque? Você acredita que essas práticas são passadas de geração a geração?
Permanências e rupturas	Compreender mudanças e continuidades	O que mudou na agricultura e na pecuária ao longo do tempo? Você acha que os jovens ainda praticam essas atividades? O que permaneceu igual mesmo com o passar do tempo?